

# ..... Artigo .....

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2024i35e65492>

## EVANGÉLICOS E ULTRALIBERAIS: CONSTRUINDO SENTIDO NA CRISE DA PÓS-MODERNIDADE

Sávio Silva de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a associação entre evangélicos e ultraliberais em meio à crise da pós-modernidade. Baseando-se na perspectiva de David Harvey sobre a condição pós-moderna, caracterizada por crises contemporâneas de caráter sistêmico, adota-se uma abordagem metodológica exploratória que abrange uma revisão sistemática da literatura específica. Busca-se identificar as principais variáveis explicativas de como os evangélicos interpretam as crises atuais e como se associam aos ultraliberais. Infere-se que esse grupo tem adaptado seus posicionamentos políticos, particularmente devido à percepção de que a Esquerda utiliza o Estado para confrontar os valores cristãos por meio de políticas públicas progressistas. Como resultado, eles se alinham à agenda ultraliberal, defendendo a ampla desregulamentação estatal e a desmobilização de políticas públicas.

**Palavras-chave:** Ultraliberalismo; Ativismo Evangélico; Pós-modernidade; Crise Democrática; Crise de Tudo.

### Evangelicals and Ultraliberals: Constructing meaning in the crisis of Postmodernity

### Abstract

This article aims to investigate the association between evangelicals and ultraliberals amidst the crisis of post-modernity. Drawing upon David Harvey's perspective on the post-modern condition, characterized by contemporary systemic crises, an exploratory methodological approach is adopted, encompassing a systematic review of specific literature. The goal is to identify the main explanatory variables of how evangelicals interpret current crises and how they associate with ultraliberals. It is inferred that this group has adapted their political stances, particularly due to the perception that the Left uses the State to confront Christian values through progressive public policies. As a result, they align with the ultraliberal agenda, advocating for extensive state deregulation and the demobilization of public policies.

**Keywords:** Ultraliberalism; Evangelical Activism; Postmodernity; Democratic Crisis; Crisis of Everything.

### Introdução

Nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, o tema das crises é central em nossas análises. Desde crises políticas e econômicas até questões relacionadas à segurança pública, à democracia, às mudanças climáticas e, mais recentemente, às pandemias. Existem várias abordagens para lidar com essas crises, pois cada contexto apresenta suas próprias variáveis e mecanismos específicos. No entanto, as crises contemporâneas passaram a ser objeto de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Licenciado em geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Endereço eletrônico: [saviogeografia1@gmail.com](mailto:saviogeografia1@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3249-3818>.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

# ..... Artigo .....

escrutínio público, adquirindo uma natureza interpretativa para cada grupo social. Isso transforma a conceituação das crises em um campo de batalha para disputas ideológicas.

A abordagem de David Harvey (1992) se destaca como uma das considerações mais importantes sobre a condição de conflito e crise constantes da pós-modernidade. Ela contribui para a compreensão dessa sociedade pós-moderna, que nutre um ceticismo e descrença em relação a tudo e busca novas respostas para soluções consideradas insuficientes. Nesse cenário de crise sistêmica, observamos um aumento da influência dos evangélicos na política brasileira, enquanto simultaneamente estabelecem uma aproximação com atores ultraliberais (OLIVEIRA, 2023). Como exatamente isso vem ocorrendo?

Brown (2019) argumenta que a ascensão de líderes políticos ultraliberais tem sido caracterizada pela adoção de agendas comportamentais, com o objetivo de atrair eleitores evangélicos. Essa dinâmica é resultado da colaboração entre corporações e conservadores cristãos, em conjunto com seus aliados nos três poderes do Estado. Utilizando preceitos constitucionais, como liberdade de expressão e liberdade religiosa, esses grupos buscam se isentar de qualquer forma de regulamentação. Nesse processo, adota-se a retórica do fortalecimento das normas tradicionais relacionadas à sexualidade e gênero. Assim, as lideranças ultraliberais conseguem conquistar os evangélicos como aliados na defesa da ampla desregulamentação do Estado, mesmo que os objetivos finais sejam diversos.

Em relação aos atores políticos ultraliberais, que efetivamente representam os interesses do mercado, é desafiador determinar se eles abraçam as agendas comportamentais por convicção ou por oportunismo. Isso ocorre porque, na realidade, eles representam um mercado preocupado com o avanço de regulamentações que impactam a estabilidade dos lucros das corporações. Essa discussão se intensifica em períodos de crise financeira, levantando a questão sobre se as corporações devem assumir uma maior responsabilidade pelos impactos das crises geradas por seus setores.

Para Harvey (2011), a manutenção do atual estágio do sistema capitalista, baseado em um capital financeiro simbólico, depende de um processo contínuo de desregulamentação econômica. Assim, a máxima ultraliberal que preconiza a ampla desregulamentação estatal está em voga como nunca antes. Diante desse contexto, fenômenos contemporâneos como a “uberização da economia”, que encorajam os indivíduos a se tornarem empreendedores de si mesmos, estão intrinsecamente ligados à legitimação de uma ideologia que, em última instância, busca empoderar a massa trabalhadora contra si mesma, posicionando-a contra a

# ..... Artigo .....

regulamentação estatal nos processos de celebração de contrato por parte dessas corporações (PEREIRA, 2020).

Com sistemas econômicos marcados pela imprevisibilidade e um cenário político igualmente conturbado, que se desdobra em um complexo jogo de interesses, os evangélicos, numericamente cada vez mais expressivos, passaram a direcionar sua atenção para atores políticos capazes de mobilizar seus valores (Boas, 2023), naturalmente anunciando a demanda por novos representantes, o que de acordo com Nobre (2020) tem fortalecido movimentos populistas de extrema-direita, que buscam oferecer respostas simplistas diante de cenários complexos.

O objetivo deste estudo é investigar a associação entre evangélicos e ultraliberais em meio à crise da pós-modernidade. Partimos da premissa de que essa associação se consolida à luz do atual estágio da teologia sistemática evangélica, influenciada principalmente por atores neopentecostais, que priorizam a resistência contra políticas progressistas, consideradas uma ameaça. Isso torna os evangélicos vulneráveis à cooptação por agentes ultraliberais, que aproveitam sua influência política para concretizar seus objetivos de ampla desregulamentação estatal, em um processo que se consagra na crise contemporânea e seus contornos generalizados e sistêmicos.

Para isso, o artigo apresenta a seguir uma seção de ancoragem teórica sobre a crise contemporânea, que é abordada de maneira sistêmica, abrangendo política, representação, democracia e espaço do capital. Em seguida, testamos a presente premissa por meio de uma revisão sistemática da literatura especializada, buscando identificar as principais variáveis explicativas de como os evangélicos interpretam as crises atuais e como se associam aos ultraliberais.

A relevância deste trabalho reside em elucidar as diversas interpretações e conceituações das crises contemporâneas dentro de uma gama diversificada de grupos, especialmente à luz do contexto de descrença característico da pós-modernidade. Enquanto é mais comum nas Ciências Humanas e Sociais encontrar análises que se concentram em variáveis e mecanismos específicos de cada estado de crise pertinente, este estudo propõe uma análise que parte da premissa de que a percepção de uma crise sistêmica e onipresente tem possibilitado novos arranjos políticos e associações surpreendentes, beneficiando-se da teoria de David Harvey sobre a condição pós-moderna.

# ..... Artigo .....

Ao examinar como os evangélicos interpretam e respondem à percepção de uma crise generalizada, este estudo coloca no centro de sua análise um dos grupos políticos mais influentes no cenário nacional atualmente, destacando a notável convergência entre o pensamento político evangélico e o ultraliberalismo.

Assim, ao realizar esta análise multifacetada sobre os três pilares — evangélicos, ultraliberalismo e crises contemporâneas — este trabalho não apenas traz uma contribuição inovadora para a literatura acadêmica específica, mas também oferece uma base sólida para reflexões e debates futuros sobre os desafios e possibilidades que permeiam nossa sociedade em constante transformação.

## **Teorizando as Crises Contemporâneas — A Crise de Tudo**

De acordo com Harvey (2008), na pós-modernidade, há uma tendência de prevalecer um estado de crise constante, especialmente no que diz respeito às grandes verdades, resultando em um mundo cada vez menos consistente e estável, portanto, para além dos impactos práticos das crises, prevalecem dúvidas e disputas acerca dos significados das mesmas.

As Ciências Humanas e Sociais têm se dedicado significativamente ao estudo das crises contemporâneas. Uma das mais discutidas é a crise democrática, tema explorado em produções recentes de grande impacto cultural, como em “Como as democracias morrem”, de Levitsky e Ziblatt (2018). Ao analisar obras como essa, fica evidente que múltiplos fatores estão interligados. Por exemplo, é difícil abordar a crise da democracia sem considerar a crise de representação. Será que, com participação efetiva e partidos robustos e programáticos, ainda assim enfrentaríamos uma crise democrática? E mais crucial ainda, se a economia estivesse prosperando, com pleno emprego e salários justos, a democracia ainda estaria tão fragilizada?

Alguns teóricos, especialmente autores pós-marxistas como Laclau (2013), destacam a maneira como as crises se desenvolvem em meio às desigualdades do sistema capitalista, impactando a estabilidade da democracia. Esse fenômeno é complexo e envolve a perda de confiança nas instituições democráticas, além do surgimento de movimentos políticos que desafiam o *status quo*. Para Laclau, a crise democrática pode ser alimentada por diversos fatores, como desigualdades socioeconômicas, exclusão política e falhas na representação.

Independentemente da perspectiva adotada, é inegável que as crises democráticas se inserem em um conjunto indissociável de mazelas contemporâneas como o desemprego, a violência e a corrupção, evidenciando um caráter sistêmico e demandando uma análise complexa

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

# ..... Artigo .....

que envolve variáveis de diferentes teorias. Portanto, ao tentarmos entender o estado quase constante de crise que caracteriza a pós-modernidade, é essencial adotarmos uma leitura sistêmica, tentando conciliar variáveis e não somente rivalizá-las gratuitamente.

Przeworski (2020) enfatiza a importância de considerar fatores estruturais para entender essas crises, como a relação entre o capitalismo e a democracia. Ele argumenta que existe uma coexistência entre um sistema político que preza pela igualdade e um sistema econômico que gera desigualdades. Além disso, Przeworski destaca que a busca pelo poder dentro de um sistema democrático também desempenha um papel significativo na identificação das crises. Isso pode ocorrer quando as disputas partidárias se intensificam e o partido no poder busca manter sua posição por meio de manipulações das instituições, o que pode levar a rupturas na ordem pública e, conseqüentemente, a uma crise democrática.

O autor identifica diversos sinais de alerta para as crises nas democracias contemporâneas. Um deles é o rápido enfraquecimento dos sistemas partidários tradicionais, que se tornam cada vez mais fragmentados e descentralizados. Outro sinal preocupante é o avanço do populismo, que tende a deslegitimar as instituições democráticas e advogar por uma democracia direta em oposição à democracia representativa. O autor caracteriza a crise democrática como uma situação em que há uma lacuna crucial na consolidação da democracia, que pode incluir desde violações nas eleições até a deterioração do Estado e a perda de confiança nas instituições, culminando especialmente no colapso da ordem pública.

Além disso, Przeworski (2020) destaca a importância de analisar o apoio à democracia em pesquisas de opinião pública, levando em consideração o nível de instrução da população e sua compreensão do conceito de democracia. Ele ressalta a preocupação com o potencial de desestabilização de uma democracia quando os cidadãos perdem a confiança no sistema e se tornam receptivos a regimes autoritários.

Przeworski (2020) também examina um elemento crucial das crises contemporâneas: as depressões econômicas, que muitas vezes funcionam como catalisadoras do caos político. Nesse sentido, ele salienta três aspectos relevantes a serem considerados nessas circunstâncias. Em primeiro lugar, a desaceleração do crescimento econômico do país. Em segundo lugar, o aumento da disparidade de renda. E, por último, a diminuição dos postos de trabalho. Essa situação afeta particularmente as camadas mais vulneráveis da sociedade, ou seja, os trabalhadores. Dessa forma, a divisão de classes se torna uma justificativa e um fator contribuinte para a crise.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

# ..... Artigo .....

As pessoas, muitas das quais dependem de assistência governamental, se veem em uma situação precária quando enfrentam a falta de regulamentação salarial e uma tributação elevada, o que as coloca em desvantagem durante os períodos de crise. De acordo com o autor, esse cenário tende a desiludir especialmente os jovens, que veem poucas perspectivas de melhoria em suas vidas dentro desse contexto, impulsionando mudanças tanto culturais quanto políticas.

Przeworski (2020) também ressalta que outro aspecto comum em períodos de crise é uma sociedade profundamente dividida, marcada por polarização, racismo e hostilidade. Isso é evidente, por exemplo, em questões como imigração, que geram opiniões divergentes entre os que defendem a livre entrada de imigrantes e aqueles que buscam restringir essa movimentação.

Przeworski (2020), diante do turbulento panorama das democracias, sugere que as eleições representam um meio de resolver esses conflitos, porém destaca que a relação entre vencedores e perdedores é tensa e pode levar à violência. Ele enfatiza que as eleições são momentos potenciais de reorganização das crises, uma vez que os perdedores ponderam em iniciar uma rebelião devido ao medo da repressão, enquanto os vencedores, por sua vez, hesitam em utilizar a repressão excessiva e tirar proveito de sua posição, temendo a resistência, o que ocasiona certo equilíbrio.

Em último ponto, Przeworski observa que as democracias falham quando os eleitos ignoram as opiniões das minorias, resultando em uma polarização política, um governo sujeito a rupturas e uma tendência para políticas iliberais. Ele adverte sobre a “sub-repção”, que consiste em medidas legais adotadas pelo governo para sutilmente minar as chances da oposição de alcançar o poder e expandir as liberdades. A conclusão a que Przeworski (2020) chega em relação à crise da democracia é que as pessoas não percebem mudanças significativas nos governos e nos candidatos em quem votaram, o que leva à crença de que o sistema está falido.

Scerb (2019) ressalta que no Brasil tem havido uma grande quantidade de publicações nos últimos anos que abordam a crise da democracia, em grande parte devido ao surgimento da extrema-direita populista e sua chegada ao poder com uma abordagem agressiva e astuciosa. No entanto, ele alerta que esse conjunto de literatura muitas vezes transmite a ideia de que o sistema democrático era um modelo plenamente saudável e imune às crises até a chegada desses movimentos, em vez de fazer uma análise de rastreamento da deterioração do setor público, que se desenvolve há muito mais tempo.

O autor expressa surpresa pelo fato de que, até então, a produção intelectual sobre teoria democrática não tinha explorado exaustivamente o fato de que a democracia liberal, conforme **Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**  
**e-ISSN: 1982-4807**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**  
**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

experimentada nas últimas décadas, tem falhado em ser verdadeiramente responsiva, resultando em um cenário onde as pessoas são, em grande parte, meras espectadoras da política, sendo consideradas apenas durante períodos eleitorais por um *establishment* político distante. O autor concorda com a visão de Colin Crouch (2000), que descreve a democracia atual como uma forma de pós-democracia.

O autor interpreta a ideia de crise democrática como um sinal de que o caráter democrático está se desvanecendo, especialmente em sociedades caracterizadas pelo consumismo e pela disparidade na distribuição de riqueza. Ele argumenta que ao longo das últimas décadas, principalmente nos centros do capitalismo, aspectos fundamentais da democracia, como participação popular, representação e disputas por projetos divergentes de organização das políticas públicas, foram perdendo projeção prática e foram se transformando em valores subjetivos apreendidos por elites políticas. Essas elites assumiram o trato integral do espaço democrático.

Assim, o surgimento recente de movimentos de extrema-direita pode ser interpretado como sintoma de uma reação, ora, a extrema-direita se coloca como o palanque de representação dos invisíveis, que agora não apenas buscam recuperar o protagonismo na representação política, mas também desejam uma espécie de vingança contra o Estado.

Wendy Brown (2019) estabelece uma conexão crucial entre as crises contemporâneas e o declínio do neoliberalismo. A autora argumenta que o desvanecimento do neoliberalismo e a insuficiência desse modelo em lidar com as mazelas sociais traz de volta o foco para o Estado, que é cobrado a dar respostas, mas que agora dispõe de muito menos mecanismos reguladores, agravando a desconfiança e o desgaste institucional em todo mundo. Embora sua análise se concentre no caso americano e a ascensão do grupo político de Donald Trump no Partido Republicano, a análise da autora é facilmente aplicável a outras realidades pelo mundo, onde a extrema-direita tem recebido votos de confiança da população.

Brown procura enxergar como os princípios liberais estão presentes na retórica dos atores neoliberais atualmente, identificando incoerências ideológicas na nova geração. Sua tese principal é que os princípios neoliberais corroeram as bases democráticas, destacando a competição por legitimidade com o próprio Estado, desvalorizando constantemente o setor público, acelerando a desregulamentação estatal em nome da liberdade do mercado. Ao longo de décadas, esse processo armou armadilhas para os próprios defensores do neoliberalismo,

# ..... Artigo .....

limitando a validade de seu discurso. A extrema desregulamentação, segundo a autora, voltou-se contra eles e a sociedade como um todo.

Brown (2019) observa que a tradição liberal, originalmente um movimento em prol das liberdades individuais contra o totalitarismo, transformou-se em um componente do movimento conservador pela família tradicional. Esse movimento atua contra as liberdades individuais de gênero, raça e orientação sexual, uma transição notável refletida na ascensão de líderes como Trump e Bolsonaro. Para a autora, há uma perceptível fusão entre neoliberalismo e neoconservadorismo, unindo forças e produzindo dinâmicas políticas com sérias implicações para a democracia.

A revolução neoliberal não apenas introduziu transformações econômicas, mas também moldou uma jurisprudência neoliberal. Em sua análise, Brown afirma que isso representa uma estrutura interpretativa que favorece uma ampla desregulamentação, especialmente em benefício de interesses corporativos e religiosos. A autora argumenta que, nas últimas décadas nos Estados Unidos, a Primeira Emenda tem sido instrumentalizada para fortalecer os poderes econômicos, sociais e políticos do capital, da propriedade, da cristandade e da moralidade tradicional.

Brown (2019) ressalta que a extrema-direita, ancorada em valores tradicionais, utiliza o discurso neoliberal como uma ferramenta para resgatar a nostalgia de tempos passados, quando a qualidade de vida era percebida como superior. Para alcançar esse resgate, argumenta-se que é imperativo preservar a liberdade individual. A narrativa sugere que a qualidade de vida está em declínio devido à adesão da sociedade a um excesso de coletivização progressista promovido pelo Estado, que supostamente ultrapassa os limites da individualidade ao impor esta lógica a todos.

Em linha com os discursos conservadores, caracterizados por resistência a mudanças e renovações, a retórica neoliberal se transforma praticamente em um tributo a um passado utópico de uma vida plenamente livre. Dentro desse contexto, a desregulamentação é encarada como um mecanismo para salvaguardar a liberdade individual e familiar contra influências diversas que são percebidas como ameaças à sua existência.

Para Brown, a absorção do discurso neoliberal por parte da extrema-direita contribui para fortalecer a figura de líderes religiosos, como pastores, uma vez que a religião é encarada como uma escolha pessoal, considerada uma questão de lógica privada. Essa incorporação do discurso neoliberal para sustentar uma lógica neoconservadora cria uma intrigante fusão entre

**Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**

**e-ISSN: 1982-4807**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**

**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

mercado e moral, resultando em uma moral mercantilizada. Ao mesmo tempo, estimula mercados moralizados, não no sentido de promover uma democracia igualitária, mas como parte de uma guerra cultural na qual os valores são percebidos como ameaçados por cosmopolitas e globalistas.

Essa abordagem reflete uma dinâmica complexa em que o neoliberalismo é adaptado para novas demandas, misturando elementos de mercado e moralidade em uma narrativa que enfatiza a defesa dos valores tradicionais contra supostas ameaças externas. O entrelaçamento explícito ou implícito desses elementos, juntamente com sua incorporação em um discurso de mercados desregulados, representa uma nova força político-legal. Brown (2019) destaca como a jurisprudência neoliberal se torna um veículo para fortalecer determinadas agendas, proporcionando uma visão clara das interseções entre liberdade de expressão, liberdade religiosa e o cenário jurídico.

Há que se observar também outro aspecto fundamental no contexto das crises contemporâneas: a cultura política. No Brasil, por exemplo, do ponto de vista histórico, o país atravessou diferentes épocas democráticas, às vezes interrompidas por golpes e revoluções, o que deu o tom de uma cultura política que normaliza instabilidades institucionais. A história política do Brasil também inclui partidos com pouca adesão aos princípios democráticos em suas estruturas internas, liderados por líderes dominantes que ditam os termos das alianças entre o legislativo e o executivo, muitas vezes baseadas em favores, cargos e financiamentos extras, o que, sob a ótica da teoria democrática de Dahl (1997), cria obstáculos para uma participação eficaz e uma oposição plena (Reis, 2014).

Portanto, a desconfiança e o descrédito em relação às instituições democráticas são multifacetados, conforme indicado na literatura, desde a explicação clássica de Harvey (2028), que considera a desconfiança nas estruturas formais do Estado como uma característica intrínseca das sociedades pós-modernas, até questões específicas como escândalos de corrupção (GALLEGO, 2019).

Considerando todos esses aspectos, é evidente que as crises contemporâneas, frequentemente analisadas no contexto da democracia, abrangem uma gama de questões relacionadas à economia, desigualdades, desemprego, corrupção e responsividade. Essa conjuntura tem propiciado o surgimento de líderes populistas antissistema, os quais oferecem novas formas de representação, muitas vezes desafiando as instituições representativas tradicionais. Nesse cenário, o autoritarismo emerge como uma ameaça tangível.

**Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**

**e-ISSN: 1982-4807**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**

**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

## **O constante cenário de crise política no Brasil**

Em verdade, as crises contemporâneas são multifacetadas e refletem intrínsecos aspectos da cultura e da história política. O caso brasileiro é interessante porque a história recente do país é marcada por significativos períodos de turbulência política, incluindo a Ditadura Militar, que durou de 1964 a 1985. A promulgação da Constituição de 1988 representou um marco na transição para a redemocratização, mas, tal avanço não superou uma série de desafios complexos de seu sistema político. Após um período de relativa estabilidade, um período de crise política instalou-se a partir da segunda década do século XXI.

Nobre (2022) explica que, na literatura especializada, tem sido amplamente debatida a origem da crise contemporânea brasileira. Em geral, destaca-se como ponto crucial os grandes protestos que eclodiram em julho de 2013. Naquele momento, as razões por trás dos protestos eram pulverizadas, abrangendo desde o aumento das tarifas de transporte público até os altos investimentos em infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014. No entanto, esses conflitos gradualmente convergiram para uma crítica generalizada ao sistema político, à falta de representação plena, à insatisfação econômica e ao clamor por mudanças.

Vale ressaltar que anos antes, o Brasil já demonstrava sinais de desaceleração econômica devido à desvalorização de *commodities* no mercado internacional (CHERNAVSKY E DWECK, 2020). A crise de 2008 enfraqueceu os mercados consumidores brasileiros, impactando diretamente o país. Isso é relevante pois durante os dois primeiros mandatos do governo Lula, de 2003 a 2010, o Brasil se beneficiou do *boom* das *commodities*, o que possibilitou os investimentos realizados durante a primeira década do século XXI (CHERNAVSKY E DWECK, 2020).

Com o declínio do preço das *commodities* a partir de 2011, o governo Dilma enfrentou o desafio de responder à iminente crise econômica. Para isso, Chernavsky e Dweck (2020) explicam que o governo implementou uma série de medidas conhecidas como Nova Matriz Econômica, que se baseavam em subsídios aumentados e maior regulação de preços, como no caso da gasolina por meio da Petrobras. No entanto, essas medidas se mostraram insuficientes para conter a crise, além de contribuírem para o aumento da dívida pública. Neste ponto, alguns escândalos de corrupção que envolviam o governo já estavam amplamente divulgados pela mídia, e foram associados pela oposição como os principais responsáveis pela crise (Nobre, 2022).

# Artigo

Nobre (2022) salienta que, em 2014, a operação Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal, investigou um grande escândalo de corrupção conhecido como Petrolão. O movimento da operação foi favorável à opinião pública, que passou a vê-la como uma resposta às pressões populares. A operação então investigou políticos e empresários de alto escalão, resultando em condenações que deram a impressão de uma inédita punição dos poderosos. Com o avanço das investigações e o envolvimento de políticos, incluindo membros do Partido dos Trabalhadores, a popularidade do governo de Dilma Rousseff foi severamente prejudicada.

Mudim (2023) explica que a presidente, que já enfrentava dificuldades em seu segundo mandato, viu-se em uma posição ainda mais delicada com o fracasso de sua política econômica e a crescente rejeição provocada pela exposição da Lava Jato. Em 2016, em meio a uma grande fragilidade política, Dilma entrou em conflito com partidos de centro no Congresso Nacional, especialmente com o grupo conhecido como “Centrão”, liderado à época por Eduardo Cunha na presidência da Câmara dos Deputados. Cunha acolheu o pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff e ela foi destituída em 2016, sendo substituída por seu vice, Michel Temer, que tentou se desvincular de Dilma e do PT, buscando implementar reformas para conter a opinião pública negativa.

No entanto, conforme reflete Nobre (2022), Temer não conseguiu alcançar essa estabilidade. Grande parte da população permanecia descrente em relação à política e já não tinha mais expectativas de mudança por meio dela. Nesse cenário de crise, o então deputado federal do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, viu a oportunidade de se apresentar como uma opção anti-política, criticando as instituições e, principalmente, a esquerda personificada no Partido dos Trabalhadores. Ao longo de sua campanha em 2018, Bolsonaro aumentou seu apoio popular à medida que intensificava suas críticas ao então ex-presidente Lula.

No mesmo ano da eleição, o então juiz Sergio Moro, pediu a prisão preventiva do pré-candidato Lula, por meio da operação Lava Jato, acelerando sua condenação em primeira instância. Essa ação foi amplamente questionada juridicamente ao longo dos anos (Nobre, 2023). Com o caminho mais aberto, Bolsonaro incorporou temas religiosos em sua campanha, como a proibição do aborto, além de criticar os direitos LGBTQ+ entre outros grupos minorizados, enquanto se apresentava como um enviado divino para purificar a política (MARIANO, GERARDI, 2020).

Portanto, ao recapitularmos a história recente do país, observamos uma crise com diversas dimensões. No entanto, o ponto crucial, conforme Nobre (2020), foi o fato da classe

**Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**  
**e-ISSN: 1982-4807**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**  
**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# Artigo

política não ter levado a sério as demandas e os sinais evidenciados pelos grandes protestos de 2013. Uma população que clamou por mudanças e não foi devidamente atendida com propostas robustas de reformas no sistema político. Assim, instalou-se principalmente uma crise de representação, enraizada em uma profunda descrença e alimentada pelo ressentimento daqueles que se sentiram ignorados e que se viam inseridos em um cenário de crise econômica por culpa dos governantes.

Jair Bolsonaro surge em meio a essa “tempestade perfeita”, ofertando sua candidatura para atender a demanda por uma liderança antissistema (Gallego, 2019). Bolsonaro, assim como outros líderes dessa nova era, apoia-se fortemente em uma militância antissistema e antipolítica que se alimenta do desencanto dos eleitores com a política tradicional, promovendo o descrédito das instituições democráticas e dos mecanismos formais da política, em vez de fortalecê-los (MAIR, 2013; LEVITSKY, ZIBLATT, 2018; EATWELL, GOODWIN, 2020).

Reforçando a premissa deste estudo, a associação entre evangélica e ultraliberais ganha relevância em meio a essa crise generalizada, contribuindo para o crescimento da representação evangélica nos últimos anos. No Brasil, o populismo de extrema-direita tem se fortalecido, em parte devido à fusão entre a ideia de representação política e valores cristãos (Mariano, Gerardi, 2020).

## Metodologia

Diante do contexto apresentado, realizaremos uma revisão sistemática de literatura para verificar a ocorrência da nossa hipótese na literatura, bem como as variáveis que têm sido mobilizadas para explicar o fenômeno.

A Revisão Sistemática da Literatura - RSL é um método que se distingue de uma revisão de literatura convencional. De acordo com Figueiredo Filho (2022), enquanto uma revisão de literatura convencional, também conhecida como revisão narrativa, envolve a seleção de literatura de forma aleatória para sustentar o trabalho do pesquisador, a RSL vai além ao adotar uma série de protocolos rigorosos para seleção da literatura. Esta abordagem não apenas é mais precisa, mas também permite uma análise criteriosa e detalhada dos materiais, proporcionando uma compreensão mais aprofundada do que a literatura de uma área em um recorte temporal específico tem a dizer sobre um determinado tema.

Seguindo as sugestões de Figueiredo Filho (2022), o primeiro passo da nossa revisão sistemática é se atentar ao recorte da pesquisa. Fazer essa delimitação nem sempre é uma tarefa

**Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**

**e-ISSN: 1982-4807**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**

**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

simples, porque à primeira vista a impressão é que ela se encaixa em várias alçadas, sobretudo ao se tratar das Ciências Humanas e Sociais, por isso é preciso ter uma clara compreensão da sua pesquisa e o que ela pretende.

A prática da RSL permite que outros pesquisadores revisem e repliquem o estudo, contribuindo para a qualidade e credibilidade da pesquisa acadêmica. Além disso, a RSL inclui uma avaliação crítica da qualidade dos estudos incluídos, o que ajuda a identificar possíveis vieses nos dados disponíveis e a fornecer uma análise mais robusta e confiável acerca do estado da arte.

## **Dos protocolos de seleção**

Para iniciar nossa revisão sistemática, o primeiro passo foi se atentar ao recorte da pesquisa. Essa definição nos permite direcionar nossa busca, evitando a inclusão de estudos que, embora relacionados ao nosso tema e objeto, não necessariamente influem sobre a dimensão que carecem. Portanto, a associação entre a militância evangélica e os atores ultraliberais em meio à crise contemporânea foi a premissa a ser testada, necessariamente verificar se e como essa análise associativa é feita na literatura da área.

Em seguida, selecionamos as bibliotecas científicas utilizadas para a busca. Optamos pelo Portal de Periódicos da Capes, que abriga as teses e dissertações defendidas no Brasil, mas não se limita a esta modalidade de produção, conectando produções de outros agregadores, como o sistema SciELO, um agregador de periódicos digital mais amplo, proporcionando acesso a trabalhos mais detalhados, orientados e metodologicamente robustos.

O terceiro passo envolveu o estabelecimento dos critérios iniciais de exclusão para os achados, sendo adotados a data de publicação, marcando um período temporal para a consideração das produções. Essa etapa foi essencial para garantir a representatividade da amostra e viabilizar logisticamente a pesquisa. A decisão de incluir trabalhos publicados a partir de 2010 até o presente (2024), a fim de permitir uma análise mais abrangente, e porque seguindo a nossa ancoragem teórica, o período da crise brasileira contemporânea dá-se início no início da década de 2010. Outro critério foi considerar apenas análises acerca do caso brasileiro ou que incluíssem o caso brasileiro.

O quarto passo foi determinar as palavras-chave a serem utilizadas na busca do conteúdo, sendo as seguintes: “Evangélicos e crise”, “Evangélicos e democracia”, “Evangélicos

# ..... Artigo .....

e representação”, “Evangélicos e crise democrática”, “Evangélicos e crise de representação”, “Evangélicos e ultraliberalismo”, “Evangélicos e capitalismo”.

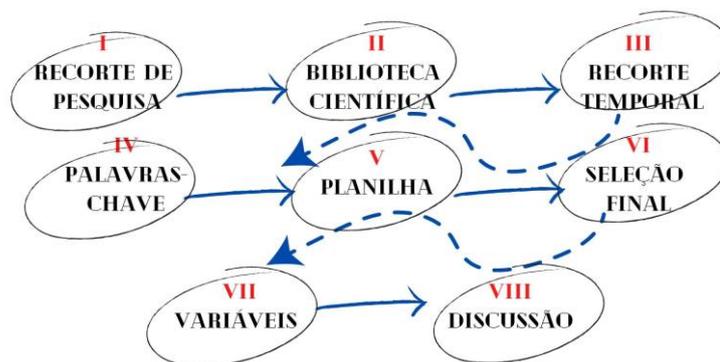
No quinto estágio, as pesquisas foram registradas em um documento de trabalho, onde foram listados os títulos, autores, datas de publicação, veículos de publicação, fontes eletrônicas e resumos.

No sexto procedimento, realizou-se a seleção final da amostra, na qual os trabalhos pré-selecionados foram analisados com base nos critérios de responsividade com nossa hipótese, isto é, prevaleceram os trabalhos que estabelecem algum ponto de diálogo com nossa hipótese, e sendo a partir desse momento, desprezados aqueles trabalhos coletados que se lançam em dimensões que não dialogam com nossa proposta. Nesta etapa, analisa-se em profundidade o corpo dos trabalhos para classificá-los como aptos ou não para consideração.

No sétimo passo, tomou-se nota das variáveis que são empregadas para categorizar, explicar, determinar, inferir ou descrever a ação dos evangélicos em meio às crises. Essas variáveis surgem a partir do próprio material coletado e estão alinhadas com os aspectos-chave da pesquisa, em diálogo com a ancoragem teórica que antecedeu a presente etapa.

Por último, na etapa de discussão, são apresentados os resultados principais, abrangendo uma visão geral dos conceitos, temas e tipos de evidências disponíveis, bem como as limitações da revisão e as conclusões alcançadas no estudo.

O seguinte quadro é uma representação gráfica desses procedimentos, a fim de facilitar a visão geral procedimental desta revisão sistemática:



**Figura 1-** Etapas da Revisão Sistemática de Literatura (Elaboração própria).

# ..... Artigo .....

Inicialmente, foram selecionadas 36 produções com base em palavras-chave e critérios adicionais, incluindo período temporal e relevância para o contexto brasileiro. Na segunda fase, ao analisar em profundidade o material, identificamos que 17 estudos se desviavam consideravelmente da temática proposta. O resultado dessa revisão sistemática é apresentado na próxima seção.

## **A atuação política evangélica em tempos de crise e suas variáveis**

De forma geral, nas produções selecionadas para a revisão sistemática, que carregavam algum diálogo com nossa hipótese — que agrega os pilares evangélicos, ultraliberalismo e crises contemporâneas — notou-se que, mesmo quando se analisa diretamente contextos de crise, os estudos tendem a concentrar-se no impacto da teologia pentecostal e em teorias demográficas para explicar o aumento do envolvimento evangélico na política. Uma contribuição significativa são os estudos que vinculam esse aumento a crises específicas, como a deterioração dos sistemas partidários, o esgotamento do capitalismo e a pandemia de COVID-19.

A literatura tem se concentrado em analisar o comportamento político, os valores e a teologia evangélica, entre outras variáveis, para explicar o aumento da representação evangélica. No entanto, raramente esses estudos contextualizam esse fenômeno dentro do contexto mais amplo da crise contemporânea, seja em seus contornos democráticos ou de representação. Como será detalhado adiante, a maioria das produções nessa área se destaca por desenvolver análises que visam compreender o ativismo, o comportamento e a representação dos evangélicos a partir de perspectivas teológico-filosóficas.

A pesquisa de Souza Jr. e Souza (2020) parte da premissa que “condições discursivas” na conjuntura brasileira contemporânea foram capazes de reposicionar os evangélicos como um grupo diferenciado na democracia brasileira. Os autores dedicam grande parte do desenvolvimento do trabalho, analisando como Jair Bolsonaro, Michelle Bolsonaro e candidatos reconhecidos como defensores dos valores evangélicos em geral, foram capazes de materializar e monetizar uma demanda por um conservadorismo absorvido da teologia neopentecostal.

Oliveira e Freire Jr. (2022), ao discutirem a proeminência dos evangélicos no cenário político brasileiro, iniciam sua análise com uma provocação que até ressoa com a nossa própria abordagem:

# ..... Artigo .....

Por que tamanho sucesso de líderes religiosos evangélicos no cenário político? Seria uma expressão de uma sociedade que, ainda que esteja salvaguardada por um Estado laico, procura representantes políticos guiados por moralidade religiosa, ou seria uma articulação política que se aproveita de valores caros à democracia, como a liberdade religiosa, liberdade de imprensa e expressão, para consolidar um projeto de poder que coloca em questão o conceito de secularização do Estado e da sociedade? (OLIVEIRA E FREIRE JR., 2022, p. 1).

Os autores trilham um caminho de resolução destacando a incorporação ao longo do tempo de interpretações teológicas, que contribuem para a coesão política entre os evangélicos. Eles também apontam que a comunicação de massa conduzida por grandes igrejas evangélicas, incluindo na televisão e no rádio, desempenhou um papel crucial na influência dos líderes religiosos, que passaram a abordar questões políticas nessas mídias e a abrir espaço para novas lideranças políticas emergentes associadas à extrema-direita.

Kniess e Santos (2020) falando sobre a adesão a valores democráticos, destacam, por meio de *surveys*, que os evangélicos têm menor disposição em dialogar com grupos que expressam opiniões e estilos de vida diferentes e também têm menor predisposição de assumir que a democracia é o melhor regime. Contudo, os autores destacam que tais números se equiparam na média com fatores de renda e escolaridade, portanto, concluem que ser evangélico não torna o indivíduo necessariamente dotado de uma categoria específica na compreensão da cultura política brasileira contemporânea e expressam que eles não extrapolam fatores de renda e escolaridade, que continuam sendo os indicadores mais notáveis da cultura política brasileira. Os autores não alocam a crise contemporânea na discussão como variável independente.

Rivera (2021) realiza uma análise da representação contemporânea dos evangélicos, explica que cria-se uma oposição entre religião e democracia em meio a esse grupo. Similar a outros autores, ele examina os aspectos teológicos que fundamentam a militância do grupo, e conclui que a concepção de “soberania divina”, suplanta o espaço democrático, transformando adversários políticos em inimigos de Deus. Esse cenário, conforme explicado por Rivera, cria um ambiente desfavorável para a plena realização de práticas democráticas. Algo apreendido da análise do autor é que os evangélicos, por espiritualizar sobremaneira a vida terrena, o que inclui os contextos políticos, poderiam normalizar o contexto de crise como parte de um propósito maior.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

# ..... Artigo .....

O estudo de Lacerda (2022) também esbarra nessa máxima, ainda que ele parta de outros prismas analíticos. O autor afirma que o considerável aumento numérico dos evangélicos não é fator suficiente para sustentar a crescente representação política e influência do grupo. Ele afirma que a representação política dos evangélicos, e seu eventual apogeu, é mediada pelas instituições políticas, em um processo que começa no interior das igrejas.

O estudo de Lacerda (2022) apresenta um ponto de diálogo com a nossa hipótese. Ainda que o autor não parta da análise da crise contemporânea para indicar o aumento da representação evangélica, parte do seu trabalho se dedica a analisar como os sistemas partidários estão em crise na América Latina, o que facilita a inserção e sucesso de candidaturas evangélicas, que surgem como grandes puxadores de voto e ganhos para o partido em termos eleitorais. A considerar que a crise dos partidos está envolvida na crise democrática e de representação, esta é uma variável de análise emergente no presente estudo.

Borges e Babireski (2022) foram na mesma direção ao analisar a questão do aumento da representação evangélica pela crise do sistema partidário, e a partir de uma série histórica concluíram que houve um consecutivo esvaziamento dos partidos tradicionais e um loteamento de partidos pequenos, com menos travas para os anseios desse grupo. Portanto, os autores deixam claro que os evangélicos têm sido estratégicos, inclusive na adesão partidária, para responder antes de tudo a seus eleitores, igrejas e valores.

Reis (2021) para examinar a representação evangélica no Brasil, inicia sua análise do aumento da presença evangélica a partir da crise da COVID-19. A autora destaca que, durante o auge da pandemia, algumas lideranças religiosas, notadamente figuras influentes como Silas Malafaia e Edir Macedo, insistiram em manter seus templos abertos, desafiando as diretrizes sanitárias vigentes. Ela aponta que essas lideranças passaram a questionar as medidas emergenciais do Ministério da Saúde, retratando-as como uma perseguição religiosa contra as igrejas. Em vez de adotarem abordagens práticas e lógicas para enfrentar a crise, eles passaram a espiritualizar o momento, aconselhando seus fiéis a confiarem nos desígnios divinos, minimizando os impactos do “medo do vírus”.

A autora destaca também que a postura dessas lideranças evangélicas encontrou respaldo no então presidente Jair Bolsonaro, que constantemente questionava as medidas de combate à pandemia. Reis (2021) ressalta que a pandemia evidenciou ainda mais o processo de construção da representação evangélica no Brasil e suas estratégias para consolidar uma nação

# ..... Artigo .....

cristã, baseada em valores cristãos que muitas vezes reinterpretem aspectos da Constituição Nacional para sustentar e justificar suas posições.

Assim, considerando a análise da autora e buscando estabelecer um diálogo com nosso contexto, podemos compreender que as disputas em torno de conceitos como direitos, identidade nacional, papéis de gênero e cultura são partes fundamentais desse processo de construção da representação evangélica, que se torna especialmente evidente e impactante em tempos de crise.

Silva e Silveira (2023) também abordam a mobilização evangélica diante da crise da pandemia de COVID-19. Os autores destacam que atores do campo religioso evangélico aproveitaram a crise para reconfigurar o campo político no Brasil, legitimando os serviços prestados por suas instituições na vida social, defendendo os templos e seus cultos como um serviço essencial. Os autores também identificam um reacionarismo político-religioso cristão surgido dentro da crise socioeconômica neoliberal, que extrapola a ideia de liberdade individual para ostentar discriminação contra minorias, legitimados a partir da percepção de uma perseguição à fé cristã.

Essa percepção tem feito surgir novos termos fatalistas como a “ditadura do judiciário” e a doutrinação pelo “marxismo cultural”, supostamente em curso no mundo e no Brasil. Os autores explicam que o lema “Falar de Cristo, hoje, para não ser impedido de falar amanhã” alimenta bolhas, baseadas na celebração identitária da nação cristã e na confusão entre o público e o privado moral.

Machado e Nacif (2016) destacam o fortalecimento político do segmento evangélico a partir de cenários caóticos, como por exemplo, a partir da crise da segurança pública. Explicam que tal fortalecimento político não se deve apenas ao seu crescimento populacional, mas principalmente às novas estratégias adotadas. Isso inclui a ampliação de suas bases em escala nacional para além do âmbito religioso, evidenciado pela formação de blocos políticos coesos. As autoras também observam que os evangélicos estão consolidando lideranças políticas locais, e destacam o caso de Marcelo Crivella, eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2016, que trouxe consigo o discurso religioso associado às políticas públicas, tanto na campanha, quanto no governo.

Chama a atenção das autoras, que, assim como a crise da pandemia foi apreendida pela narrativa evangélica, o cenário carioca é relevante para ilustrar os anseios de uma representação

# ..... Artigo .....

baseada na fé, especialmente considerando os desafios enfrentados pela cidade com a segurança pública e a guerra ao tráfico, que afetam muitas famílias, principalmente nas favelas.

Goldstein e Pereira (2021) analisam a forte parceria entre os representantes evangélicos e Jair Bolsonaro nos últimos anos, argumentando que essa aliança é resultado de uma transição racional por parte desses políticos. No auge da crise política, econômica e de segurança pública no Brasil, com o desprestígio generalizado da classe política e os efeitos devastadores da crise econômica e da insegurança social, as bases populares que anteriormente apoiavam o Partido dos Trabalhadores foram buscando outras opções. Os autores afirmam que nesse contexto, as lideranças evangélicas emergiram como referências para os eleitores diante da queda dos principais líderes políticos, reconhecendo o potencial eleitoral de Jair Bolsonaro, um ex-capitão do Exército, apontando que tanto Jair Bolsonaro, quanto Michelle Bolsonaro construíram uma narrativa religiosa messiânica, entendendo a presidência, especialmente após o atentado sofrido por Bolsonaro (episódio da fachada), como uma missão moral redentora e guiada por Deus.

Almeida (2019) examina a interseção entre conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira passando pela eleição de Jair Bolsonaro, destacando a crescente representação incisiva dos evangélicos em resposta à instabilidade política. O autor observa que é importante ressaltar que nem todos os evangélicos são conservadores, e da mesma forma, a agenda conservadora transcende esse grupo, todavia, ele destaca que novas interpretações teológicas e filosóficas vigentes na maioria das denominações evangélicas limitam a ampliação de um grau maior de progressismo. Além disso, o autor sugere que aqueles que se apresentam como representantes evangélicos optaram por adotar uma postura mais conservadora diante da crise atual, em paralelos com o histórico de forte proselitismo do grupo e da aspiração de se tornar uma religião de influência pública.

Cowan (2020) discute o surgimento da direita evangélica no Brasil, destacando que, inicialmente, a militância política evangélica era malvista dentro da própria comunidade, apesar de sua consolidação atual. Ele aponta que esse surgimento remonta à década de 1970, quando líderes religiosos adotaram uma linguagem de crise moral, em meio aos contornos da Ditadura Militar e ao temor do comunismo. O autor destaca um episódio de 1982, no qual líderes evangélicos se encontraram com o então presidente João Figueiredo para discutir o avanço da pornografia como uma ameaça à moral. Essa percepção de crise moral tornou inevitável o envolvimento político dos evangélicos, que se consagrou ainda mais por intermédio da

# ..... Artigo .....

diversas igrejas evangélicas lançaram candidaturas, algumas bem-sucedidas. Portanto, há uma compreensão interessante aqui: os mais variados cenários de crise ou de reestruturação social provocam os evangélicos à participação.

Passos (2020) analisa a conjuntura política atual e destaca que a tendência pentecostal na política brasileira se consolidou com representantes que adotam uma teologia política teocrática. O autor ressalta que esses representantes, que estiveram muito ativos no governo Bolsonaro, buscam fundamentar suas ações políticas em uma visão religiosa, visando superar a crise do Estado e da sociedade brasileira. Ele observa que a afirmação de que Deus está no comando da política, por meio de representantes eleitos pelo povo, mescla elementos democráticos com fundamentos teocráticos. Nesse sentido, o discurso enfatiza a salvação da nação das forças de esquerda, embora na prática isso se traduza em políticas ultraliberais e autoritárias, mas que pode ser facilmente descrito por evangélicos como a ação política do poder divino no governo atual. O autor afirma que a representação evangélica busca fundamentar e ressignificar a crise da política brasileira, portanto, a crise brasileira funcionou como um pedestal para a representação evangélica, que cresceu notavelmente nesse período.

Carranza (2020) faz a reflexão inversa, ela teoriza acerca da possibilidade da representação evangélica estar agravando a crise política e reflete até mesmo se ela ajudou a produzi-la. A autora questiona como as ações políticas dos evangélicos, cada vez mais presentes na esfera pública, estão contribuindo para a crise e o processo de erosão democrática. A autora argumenta que há uma capitalização política dos sentimentos de mal-estar social, econômico e político, capturados por grupos conservadores religiosos, abrigados pelas novas direitas e consolidados em processos eleitorais que evidenciam a sinergia desses atores com uma força social, tanto dentro quanto fora da arena eleitoral e/ou no exercício do poder.

Para a autora, a representação evangélica reflete para a sociedade a sensação de ameaça a valores inegociáveis, mobilizam sentimentos de medo e promovem um orgulho nacional abstrato. A autora conclui que os setores religiosos não são diretamente responsáveis pelas crises que eclodiram recentemente na América Latina, mas fazem parte delas e as intensificam ao aderirem a projetos populistas neomoralistas, em uma articulação reativa que interpreta os avanços culturais como ameaças à moral e à família cristã tradicional, estendendo-se à moralidade pública.

Hermida e Lira (2020) discutem a relação entre a atual crise do sistema capitalista e a ascensão da ideologia ultraliberal, que deu origem a movimentos fundamentalistas e religiosos,  
**Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942**  
**e-ISSN: 1982-4807**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**  
**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

incluindo o Movimento Escola Sem Partido. Os autores baseiam-se na teoria marxista para sugerir que esses movimentos ultraliberais são uma ferramenta de manipulação utilizadas pelas elites, visando manter o *status quo* e a hegemonia do grande capital, com as classes trabalhadoras atuando em seu benefício. Eles destacam que a religião, como em épocas anteriores, é utilizada como forma de controle social, explorando o medo, a exemplo da narrativa sobre a suposta doutrinação marxista de crianças em escolas e a falsa ideia do “banheiro unissex”, como um espaço que todas as crianças utilizariam ao mesmo tempo, tornando-se vulneráveis a abusos.

Esses sinais convergem para formar uma massa de evangélicos alarmados que passam a defender um conservadorismo abstrato, alinhado com o ultraliberalismo e a desregulamentação ampla do capital. As autoras, assim como Wendy Brown (2019), argumentam que as inevitáveis modificações da crise do sistema capitalista têm levado setores ultraliberais a buscar apoio em grupos religiosos como meio de unificar interesses e promover a defesa vigorosa da desregulamentação estatal.

Conceição, Nobre e Nunes (2023) também compartilham a perspectiva de que o aumento do conservadorismo religioso está ligado à profunda crise gerada pelo sistema econômico neoliberal. Nesse contexto, eles observam o uso da teologia do poder divino para manter a hegemonia nos âmbitos religioso, político e econômico. Os autores argumentam que há uma ideologia de teocracia que justifica e legitima a presença significativa de evangélicos e outros grupos religiosos conservadores no espaço público.

Assim, essa situação reflete a percepção de que as crises abrem espaço para a representação evangélica preencher uma lacuna de desesperança e medo. No entanto, essa dinâmica na atualidade exige uma análise mais profunda, considerando o ultraliberalismo, que busca cooptar esses grupos para promover uma ampla desregulamentação do capital. Nesse contexto, atores ultraliberais também dependem de que os evangélicos tenham a influência do Estado, ainda que por outros vieses.

Portanto, conforme evidenciado nesta revisão sistemática, encontramos pontos de convergência com nossa hipótese, que sugere que a associação entre a evangélica e ultraliberais se consolida à luz do atual estágio da teologia sistemática evangélica, em um processo que se consagra na crise contemporânea e seus contornos generalizados e sistêmicos. Além disso, essa revisão nos permitiu identificar variáveis explicativas desse fenômeno. Essas variáveis que emergiram ao longo da revisão podem ser agrupadas no seguinte quadro:

# ..... Artigo .....

## Variáveis Explicativas

Variável	Descrição
Valores da Teologia Evangélica	Valores extraídos da teologia evangélica que orientam o ativismo durante crises.
Cenários de crise	Cenários de crise, como segurança pública, pandemias, crise moral e política, motivam os evangélicos a assumir posições de destaque, como uma resposta a um chamado.
Percepção de ameaça à Liberdade Religiosa e à Família Tradicional	Percepção de ameaça à liberdade religiosa e aos valores da família tradicional durante crises, têm impulsionado a atuação evangélica.
Crise dos Sistemas Partidários	Facilitação do aumento da representação evangélica devido à crise nos sistemas partidários, que abrem espaço para candidatos que pretendem confessionalizar a política, a começar pelo partido.
Temor do Estado	Temor que o Estado seja aparelhado pela Esquerda para promover valores contrários à família tradicional, o que favorece a aglutinação de interesses com atores ultraliberais na defesa da desregulamentação estatal.

**Tabela 1 (Elaboração própria).**

## Considerações Finais

Ao revisitar as crises contemporâneas, nos deparamos com um extenso *corpus* de análises sobre a erosão democrática. Ao aprofundar nossa investigação sobre as causas desse cenário, observamos que, em grande medida, a erosão democrática é resultado do desencanto popular em relação à política tradicional, que por sua vez está ligada à inabilidade da classe política em abordar questões práticas, como desemprego, desigualdades sociais, moradia, seguridade social, e demais demandas que se intensificam em períodos de crise econômica.

# ..... Artigo .....

Além disso, outras crises, como a de segurança pública, do tráfico e da violência urbana, também estão intrinsecamente relacionadas às crises econômica e social, decorrentes de um sistema econômico exaurido, que nos coloca diante de uma crise do trabalho, caracterizada pela precarização absoluta dos colaboradores. Esses elementos reunidos tornam evidente que não podemos descrever o cenário de crise contemporânea com base em aspectos dissociados. Estamos diante de uma crise generalizada e sistêmica, que exige uma abordagem holística para ser compreendida adequadamente.

Nesse contexto, torna-se crucial examinar como as diversas clivagens sociais enfrentam esses desafios e, nesse sentido, como elas interpretam a gênese dessas questões, pois é a partir dessas interpretações que fundamentam suas ações políticas e alianças com partidos, movimentos sociais e instituições. Em direção a isso, os evangélicos têm demonstrado uma adesão consistente ao conservadorismo político, desempenhando um papel significativo na ascensão da extrema-direita no Brasil.

Apreendendo do atual estágio da teologia sistemática evangélica, muito influenciada por suas vertentes neopentecostais, o grupo passou a desconfiar que as políticas públicas do Estado estariam sendo elaboradas para combater seus valores, percepção esta, desenvolvida em torno da ideia de uma batalha espiritual que transcende as paredes dos templos e se projeta em toda a sociedade, amplamente ilustrada em contextos de crise. Tal percepção se entrelaça como um presságio do fim dos tempos, ao mesmo tempo em que instiga os evangélicos a assumirem uma posição de defesa da fé diante dos supostos assédios malignos operados por meio do Estado.

Tanto o ativismo político evangélico quanto os ultraliberais compartilham o desejo de reduzir a influência do Estado. Enquanto os evangélicos temem a interferência em seus valores, os ultraliberais buscam evitar regulamentações nos processos financeiros e a responsabilização das próprias corporações por questões como a expansão do subemprego. Essa aliança entre representantes evangélicos e ultraliberais altamente bem-sucedida, tem progredido diariamente rumo ao dismantelamento das políticas públicas estatais.

Podemos inferir que esse estado de Crise de Tudo, não apenas favoreceu o aumento da presença evangélica na política, mas também acelerou o processo de confessionalização da mesma. A aproximação progressiva com o ultraliberalismo representa um novo passo nessa equação, estabelecendo novos fundamentos para a atuação evangélica, que agora mira um inimigo comum: o Estado.

# Artigo

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, p. 185-213, 2019.

BOAS, Taylor. **Evangelicals and Electoral Politics in Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

BORGES, Tiago; BABIRESKI, Flávia. Os “Representantes de Deus” e o sistema partidário: uma análise da distribuição das candidaturas evangélicas (1998-2014). **Revista Agenda Política**, p. 73–100, 2022.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. Editora Politeia, 2019.

CARRANZA, Brenda. Presentación - Erosión de las democracias latinoamericanas: el ascenso político de los cristianos. **Ciencias sociales y religión**, [S.l.], v. 22, n. 34, p. 9-12, 2020.

CHERNAVSKY, Emílio; DWECK, Esther. Descontrole ou inflexão? A política fiscal do governo Dilma e a crise econômica. **Economia e Sociedade**, 2020.

CONCEIÇÃO, Elizeu da; NOBRE, José Aguiar; NUNES, Gilberto Dias. O ressurgimento das teocracias no cenário político e religioso brasileiro: uma onda conservadora intransigente. **Reflexão**, 2023.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno": crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. **Varia História**, [S.l.], v. 30, n. 54, p. 503-532, 2014.

CROUCH, Colin. **Coping With Post-democracy**. Londres: Fabian Society, 2000.

DAHL, Robert. **Poliarquia: Participação e Oposição**. São Paulo: Edusp, 1997.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. Ed. Record, 2020.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson; ALVES, Elia; SANTOS, Helena; AMARAL, Agnes; FREITAS, Jade. COMO FAZER UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA? UM GUIA PRÁTICO EM GOVERNANÇA MARINHA. **Desafios metodológicos das Políticas Públicas baseadas em evidências**. Org.: Ivan Filipe Fernandes. Boa Vista: Editora IOLE, 2022, p. 119-158.

GALLO, Esther Solano. “Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil”: escutando os eleitores de Bolsonaro. In: **Pensando a democracia, a república e o Estado de Direito no Brasil**, 2019.

# ..... Artigo .....

GOLDSTEIN, Ariel; PEREIRA, Flavio. Jair Bolsonaro e os políticos evangélicos. **Revista Em Tese**, 2021.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. Edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

HERMIDA, Jorge Fernando; LIRA, Jailton. Quando fundamentalismo religioso e mercado se encontram: as bases históricas, econômicas e políticas da escola sem partido. **Roteiro**, 2020.

JATO, Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 128-148, 2018.

KNISS, Andressa Butture; SANTOS, Deivison Henrique de Freitas. RELIGIÃO E DEMOCRACIA EM NÍVEL LOCAL: OS VALORES DEMOCRÁTICOS DOS EVANGÉLICOS PAULISTANOS. **Revista Teoria & Pesquisa**, v. 29, n. 1, 2020, p. 101-131.

LACERDA, Fabio. Como o crescimento evangélico se transforma em representação política? **Cebrap**, 2022.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Ed.: Zahar, 2018.

MACHADO, Mônica Sampaio; NACIF, Cristina Lontra. EVANGÉLICOS, POLÍTICA E ESPAÇO: NOVAS ESTRATÉGIAS RUMO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA? **Geo UERJ**, 2016.

MAIR, Peter. El final de la participación popular. In: **Gobernando el vacío: la banalización de la democracia occidental**. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, André Gerardi. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita. In: **Novo Ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI**. Konrad-Adenauer, 2020, p. 329-350.

MUNDIM, Pedro Santos. A batalha pela opinião pública e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lua Nova**, 2023.

NOBRE, MARCOS. **Limites da democracia: de Junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

OLIVEIRA, Jordana Cristina Gil de; FREIRE JUNIOR, João. A presença dos evangélicos no cenário político brasileiro. **Reflexão**, 2022.

OLIVEIRA, Sávio Silva de. A crise da Democracia Liberal e a confessionalização da política. **Último Andar**, 2023.

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.1 n35e65942

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

# Artigo

PASSOS, João Décio. Uma teocracia pentecostal? Considerações a partir da conjuntura política atual. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 57, p. 1109, 31 dez. 2020.

PEREIRA, Genesis de Oliveira. Fundo público e precarização do trabalho: as disputas em torno do orçamento bruto de pessoal. In: **Crise, ultraneoliberalismo e desestruturação de direitos**, p. 105-128, 2020.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da Democracia**. Tradução de Berilo Vargas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Editora Zahar, 2014.

REIS, Livia. TEMPOS DE PANDEMIA, PRÁTICAS COTIDIANAS E PROJETO DE NAÇÃO: DE QUE EVANGÉLICOS ESTAMOS FALANDO? In: **Racismo religioso, política e agentividade**, Revista Debates do NER, 2021.

RIVERA, Paulo Barrera. **Religión contra democracia: el neoconservadurismo evangélico en el Perú del siglo XXI**. Ciencias Sociales e Religión, 2021.

SCERB, Philippe. Teoria e prática da representação política na crise da democracia. In: **IV Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas**, 2019, Porto Alegre. Anais Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas, 2019.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson José Sena da. Igrejas abertas num mundo contaminado: mobilização evangélica, liberdade religiosa e Covid-19 no Brasil. **Antropolítica**, 2023.

SOUZA JR, Paulo Gracino de; SOUZA Carlos Henrique Pereira. Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil. Dossiê: **Fundamentalismos e Democracia**, **Horizonte**, 2020.

Submetido em: 2024-03-20

Aceito em: 2024-10-30